O IMPOSSÍVEL CAPITALISMO VERDE

DANIEL TANURO

EDIÇÕES COMBATE

O IMPOSSÍVEL CAPITALISMO VERDE

Daniel Tanuro

Prefácio de Rita Calvário

Tradução de Ângelo Ferreira de Sousa

PREFÁCIO

No prefácio original, intitulado "*por um socialismo verde*", Michel Husson começa por dizer que "*este livro é uma contribuição decisiva para a definição de um projecto ecosocialista que permita ultrapassar as contradições – ou pelo menos reduzir a distância – entre a crítica do capitalismo e a ecologia*".

Este início desvenda a intenção do livro, assumida umas linhas mais à frente pelo seu autor: ajudar a esquerda a avançar pela via da ecologia de esquerda e da ecologia social.

Isto significa que mais do que entender a ecologia como uma parte das lutas anti-capitalistas, é preciso *ecologizar* o marxismo enquanto quadro de leitura da realidade, modelo de princípios económicos e projecto de transformação das relações sociais e do modo como estas interagem com a natureza.

Não se trata de assumir uma abordagem ecocêntrica, em que a natureza assume uma identidade homóloga à sociedade. Longe disso. Trata-se de entender que as relações sociais da economia capitalista contêm dentro de si a destruição ambiental, não apenas à escala local, mas também global com riscos para as gerações futuras, e que a sua transformação deve igualmente passar por transformar o quadro de relações da sociedade com a natureza. Daí o ecosocialismo enquanto projecto de sociedade e programa de emancipação social no combate anti-capitalista.

O desafio coloca-se à esquerda socialista mas também aos ecologistas. Sem se entender que as questões ambientais são eminentemente sociais, quer na sua origem (no modo de organização social da economia capitalista) quer nas suas consequências (os efeitos ambientais não são geográfica nem socialmente neutros), as suas reivindicações arriscam-se a ser medidas de ofensiva social. A culpabilização do indivíduo pelo consumo, com apelos à boa vontade ou à restrição do salário (por via dos preços,

impostos ou diretamente) ou a fé na inovação tecnológica, sociabilizando os custos da escolha da tecnologia para manter os princípios económicos da concorrência, lucro e acumulação de capital, são exemplos de caminhos sem saída. E aqui tanto estão os defensores do capitalismo verde como os do decrescimento económico.

As alterações climáticas são um bom ponto de partida para ilustrar todas estas questões. É por isso que Tanuro lhes dedica tanta atenção.

A descolagem do capitalismo foi acompanhada pela acumulação de gases de efeito de estufa que desestabilizam o clima do Planeta, devido à dependência dos combustíveis fósseis. Esta escolha teve uma razão. Para alimentar a economia capitalista a produção tem de crescer e para que haja produção é preciso energia. Os combustíveis fósseis, tal como a opção nuclear, como fontes abundantes, concentradas e de elevada conversão energética, responderam bem ao objectivo de maximização do lucro e acumulação de capital.

Com o alerta científico da perigosidade das alterações climáticas houve mudanças? Algumas, mas mais ditadas pela escassez e instabilidade no abastecimento dos combustíveis fósseis clássicos. E como não basta a eficiência ou ter mais renováveis para ajudar o crescimento da produção, assiste-se a uma viragem para combustíveis alternativos, como o gás de xisto, com pesadas emissões e destruição dos ecossistemas. A resistência climática continua a ser grande, apesar do consenso social.

Perante estas dificuldades na transição tecnológica, assistimos a propostas de criação de mercados de emissões ou taxas de carbono, apoiadas por muitos ecologistas. A primeira já mostrou as suas limitações, não só pelas dificuldades ou erros de aplicação. A segunda é diretamente um imposto sobre o consumo. Ambas deixam ao mercado o ajustamento da produção e do consumo, supostamente tendente a um maior «esverdeamento», ignorando as suas imperfeições e perversidades (como a especulação financeira bem demonstra) e os efeitos sociais que lhes podem estar subjacentes (desemprego, exclusão do acesso a bens básicos, etc).

Existe, no entanto, uma preocupação nestes instrumentos de mercado que a esquerda não pode ignorar nas suas propostas alternativas. Nas suas propostas a esquerda não deve ignorar a questão dos custos, como às vezes transparece nas palavras de Tanuro. E não se confunda isto com critérios economicistas. Tratam-se de propostas que encaram as preocupações ambientais, sociais e económicas de uma forma integrada ao longo do tempo e a várias escalas espaciais. E no tempo em que as crises apelam à eficiência das opções, é bom não ser indiferente. No fundo, o que se trata é não deixar que o mercado decida mas assumir a base política e social da decisão. Porque, como refere Tanuro, trata-se de uma escolha civilizacional.

Nós "produzimos socialmente a nossa existência" e o modo como nos relacionamos com a natureza. Trata-se de escolher, portanto, o modo como a Humanidade responde às suas necessidades sem desigualdades e assegura condições para as gerações futuras, lidando com os problemas já actuais das alterações climáticas e da escassez dos recursos naturais. O capitalismo é incompatível com esta escolha de sustentabilidade, porque ela implica substituir a lógica de acumulação de capital pela maximização do bem-estar social, não medida pelo consumo de bens materiais mas pela satisfação das necessidades sociais de base material e imaterial sem desequilíbrio ambiental. Ou seja, são as pessoas que decidem a economia e não o mercado que determina as escolhas das pessoas, permitindo-lhes mais tempo para o lazer, o trabalho socialmente útil, a produção de bens duráveis com real valor de uso, o acesso a serviços e bens públicos.

Esta escolha implica uma convergência ecosocialista entre esquerda e ecologistas. A esquerda deve assumir o combate ecológico e os ecologistas a luta anti-capitalista. A questão-chave é, como diz Tanuro, articular as lutas pela justiça económica, social e ambiental para decidirmos colectivamente e em democracia a sociedade que queremos.

Rita Calvário

PREFÁCIO À EDIÇÃO PORTUGUESA

O acaso quis que esta edição aparecesse depois da Cimeira Rio+20 das Nações Unidas. Apesar de vivermos uma situação de máxima urgência, a cimeira nada mudou no sentido de preservar os recursos e o clima do planeta.

No entanto, seria possível satisfazer todas as necessidades adotando uma economia mais económica, fundada exclusivamente em fontes renováveis. Mas o capitalismo é incapaz de o fazer, já que isto implicaria planificação, partilha, anulação das dívidas públicas ilegítimas, relocalização da economia, supressão de produções inúteis, extensão do setor público – e nomeadamente a nacionalização do crédito e da energia…

Tomadas globalmente, estas medidas são incompatíveis com o funcionamento normal do sistema. Neste sentido, Rio+20 confirma que um capitalismo verde é impossível.

Simultaneamente, o compromisso da Cimeira a favor de uma «economia verde» confirma que o impossível capitalismo constitui uma ameaça. Efetivamente, não se trata de respeitar os ecossistemas mas de os privatizar sistematicamente, afim que os seus «serviços» gerem uma renda. Não se trata de suprimir os setores «sujos», mas de abrir novos terrenos à acumulação, ou seja, à destruição social e ecológica.

Eis onde nos leva a lógica do crescimento e do lucro. Possa este livro contribuir à constituição de uma oposição ecosocialista, baseada em bens comuns, do tempo livre à satisfação das necessidades humanas reais, democraticamente determinadas no respeito prudente dos ecossistemas.

Daniel Tanuro, 12 de julho de 2012

DANIEL TANURO

Engenheiro agrónomo e ambientalista, colabora no jornal Le Monde Diplomatique e na revista Inprecor. É fundador da ONG belga "Clima e Justiça Social".

De um lado, três mil milhões de pessoas a viver em condições humanas sem dignidade. Educação, saúde, energia, água, energia, mobilidade, habitação: as suas necessidades individuais são modestas mas no total são enormes. Como satisfazê-las sem aumentar a produção?

Do outro lado, duzentos anos de produtivismo levaram o sistema climático à beira de um enfarte. A realidade obriga-nos a reduzir radicalmente as emissões de gases de efeito estufa. Logo, a produção material. Como estabilizar o clima enquanto se responde ao legítimo direito ao desenvolvimento de quem não tem nada, ou muito pouco... e que são ao mesmo tempo as vítimas principais do aquecimento global? Este é o enigma do século.

Neste livro, Daniel Tanuro propõe reconciliar a ecologia e o projeto socialista, porque o capitalismo não vai resolver nada. Se não formos capazes de articular as lutas sociais e ecológicas, o capitalismo irá provocar catástrofes humanas e ambientais de grande magnitude. Que erros cometeram os que se reclamam do socialismo para que esta articulação pareça hoje tão difícil?

WWW.COMBATE.INFO